



**O JEC não precisa de ajuda. O JEC precisa de investimento.**

**GERALDO CAMPESTRINI,**  
professor da Univille

# A bola não entra POR

O título acima é um livro de Ferran Soriano, diretor de marketing do Barcelona. Ele mostra que o futebol é muito mais do que um jogo numa tarde de domingo em um estádio lotado. O professor da Univille Geraldo Ricardo Campestrini, especialista em gestão no esporte, sempre esteve próximo da história do Joinville e aponta sete erros para os seguidos fracassos do Tricolor. Consultado por "AN", o professor fala que o JEC deve, definitivamente, adotar uma postura profissional e deixar de viver da ajuda dos

## 1 Amadorismo

O Joinville insiste em uma gestão amadora. Isso é um problema que se arrasta há anos no Tricolor. E o significado de profissionalismo não é simplesmente se dedicar de corpo e alma ao clube de futebol. É preciso muito mais do que isso. É preciso conhecimento. Gerir um clube de futebol, inserido na indústria do entretenimento é totalmente diferente de administrar qualquer outra empresa. É preciso ter recursos humanos capacitados e capacitar as pessoas que estão lá dentro, contando com gente especialista na administração do esporte e na área técnica. A diretoria do Joinville precisa perceber e admitir que existe a necessidade de pessoas especializadas para trabalhar no clube.

## 2 Diretor que coloca dinheiro

Há em Joinville aquela conversa de que diretor precisa ser um megaempresário, rico e colocar dinheiro no clube. Pura conversa. Diretor precisa ser bem resolvido financeiramente e precisa ter o discernimento de contratar profissionais de qualidade que possam administrar o clube, de acordo com um orçamento e um planejamento previamente definido. Se esses profissionais não cumprirem com suas metas, é hora de trocar de comando e de pessoas. Da mesma forma que se faz em qualquer empresa do ambiente corporativo. O Joinville precisa se espelhar e procurar exemplos em clubes que dão certo. E o Brasil tem vários modelos assim, felizmente.

## 3 Estrutura deficiente

O dinheiro da venda de Ramires veio e já foi embora, tudo investido em um time de futebol que não conquistou nada. O que sobrou ao JEC? Outro nada. Continua sendo um clube de pequeno porte, que joga em uma Arena Municipal e possui um centro de treinamento deficiente em termos daquilo que o JEC quer ser. Esperava-se a construção de uma estrutura minimamente adequada para as necessidades de treinamento da equipe e das condições climáticas da cidade, para não ocorrer o que aconteceu semanas atrás, em que a equipe deixou de treinar por falta de campo – ou alguém acha que isso não faz diferença na hora de decidir uma partida?

## 4 Equipe multidisciplinar

Essa conversa é antiga e completamente ignorada pela grande maioria dos clubes. Ou melhor, pela grande maioria dos clubes que patinam da mesma maneira que o Joinville. Ter uma equipe de trabalho multidisciplinar é o eixo de suporte para que, em momentos decisivos, os jogadores tenham tranquilidade de decidir. O trabalho de um psicólogo, por exemplo, é fundamental para que os atletas suportem toda essa pressão de fracassos do clube nos últimos anos, com 20 mil pessoas gritando no ouvido deles. O acompanhamento de um nutricionista serve para equilibrar a alimentação com a carga de treinamento diária de um atleta, repondo a energia gasta ao longo dos trabalhos. Essa equipe multidisciplinar engloba ainda a figura de um podólogo (isso mesmo, um especialista que cuide da saúde dos pés dos jogadores); um dentista (há uma relação muito próxima entre a existência de lesões musculares e a existência de foco de infecção dentária); um fisiologista (que acompanhe diariamente o treino e possa dar suporte ao preparador físico); e outras tantas como um pedagogo do treino, uma equipe de observadores técnicos; um assistente social, um coordenador técnico e daí por diante, conforme a estrutura do clube suportar. Com a estrutura que o Joinville possui, com o que pode extrair do potencial da cidade e com aquilo que ele remunera para os atletas que não resolvem na hora que têm que resolver, como no domingo, contra o América/AM, a montagem de parte dessa comissão multidisciplinar já seria a peça fundamental para o alcance de resultados dentro de campo.



SALMO DUARTE



PENA FILHO



SALMO DUARTE



CLEBER GOMES

FIM DO SONHO

## 5 Planejamento

Desde a queda do JEC para a Série C, em 2004, existe a seguinte conversa: "No próximo ano, se o time não subir, o JEC fecha as portas". Outro papo clássico: "Se subirmos no ano que vem, daí a coisa vai ser diferente". Então quer dizer que enquanto não subir nada pode ser melhorado? Isso não pode ser desculpa para não projetar o futuro em um clube de futebol. Em 2005, foi apresentado um projeto de investimento para o Tricolor nos 10 anos subsequentes. E o que aconteceu? A diretoria atropelou todos os processos, inflacionou a folha de salário e contratou jogadores que em nada contribuíram. E o resultado? O clube não subiu para a Série B e nem aplicou o planejamento. Nele estava escrito que o time seria formado por jogadores jovens mesclado com os mais experientes. No elenco elaborado naquele planejamento tinha o nome de Ramires, hoje titular absoluto da Seleção Brasileira. Isso se seguiu ano após ano: "Temos que subir, temos que subir, temos que subir". Mas como? Essa é a dúvida que ninguém do clube sabe explicar. Ninguém foi visitar os principais centros, os principais modelos de gestão para aplicar no Joinville. Ao contrário, é adotado um modelo equivalente àquele realizado na década de 1980, cuja realidade era completamente diferente.

## 6 Formação de atletas

O JEC negligenciou completamente o setor de formação de atletas. O sucesso, nomeadamente a disputa da final do Campeonato Catarinense na categoria juvenil, é em razão do trabalho abnegado de algumas pessoas do departamento de base. E só. Não há um clube que tenha conquistado resultados expressivos em campo com o futebol profissional nos últimos anos que não tenha tido um projeto de investimento maciço nas categorias de base. Atletas jovens, com objetivos de crescimento na carreira e com identidade com o clube têm sido a melhor receita para as vitórias no médio e longo prazos. Para se ter um exemplo sobre essa situação, basta olhar para o atual elenco do Joinville. No último coletivo antes da partida contra o América/AM, dos 22 jogadores que participavam no treino, apenas o atacante Edinho foi formado na base do clube. E na partida mais importante do clube nos últimos anos, a joia tricolor nem para o banco foi relacionada.

## 7 Só ajuda não basta

O JEC não precisa de ajuda. Ele precisa de investimento. A instituição tem um baita negócio nas mãos, com uma torcida fanática, alocada em uma cidade de elevado poder aquisitivo. É preciso parar de pensar que o JEC é uma entidade filantrópica. Futebol é negócio há muito tempo e é preciso estimular o poder de consumo dos torcedores e não esperar que eles contribuam com migalhas. O que mais se ouve são dirigentes afirmando que empresas têm que ajudar o JEC, que as pessoas têm que ser sócias para ajudar o clube. A pergunta é: o que o Joinville oferece em troca por isso? Qual o projeto? Como haverá retorno para a marca disposta a ajudar? Essa marca será cuidada de que forma? Qual o retorno que terei sendo sócio?